



1

CABELO CRESPO E IDENTIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA DISPUTA DE NARRATIVAS

Hellen Rodrigues Batista¹;

Aline Stéfany Mendes de Sousa Rezende²;

Bruna de Oliveira Martins³;

Mário Lima Brasil(orientador)⁴

Eixo Temático: Relações Sociais e Realidade Contemporâneas (Comunicação Oral)

Resumo: O presente trabalho discorre sobre a problemática da negligência à identidade negra nas escolas e seus desdobramentos, tendo em vista que esta é uma questão significativa na vida de pessoas negras que frequentam/frequentaram o espaço escolar. A metodologia utilizada foi revisão bibliográfica de textos, principalmente da pedagoga Nilma Lino Gomes, que tratam da temática de forma pertinente. Concluímos o trabalho reconhecendo a importância dos livros infantis sobre identidade negra nas escolas, bem como a agência do grupo PET Conexão de Saberes para a transformação dessa realidade.

Palavras-chave: Cabelo; identidade negra; literatura infantil.

Introdução

Quando refletimos sobre a construção identitária individual e coletiva em uma determinada sociedade, podemos recorrer a vários signos para a diferenciação entre grupos. A aparência é um dos principais elementos para tal distinção, pois, podemos distinguir através desta pertencimentos étnicos e raciais, comportamentos, crenças, classes e valores em um determinado grupo e sociedade. Assim sendo, o objetivo do presente

¹ *Graduanda em Ciências Sociais, Universidade de Brasília*

² *Licenciada em Ciências Sociais e graduanda em Sociologia, Universidade de Brasília*

³ *Graduanda em Ciências Sociais, Universidade de Brasília*

⁴ *Professor adjunto IV da Universidade de Brasília.*



VI Encontro Regional dos Grupos PET do Centro-Oeste

2

trabalho é expor a problemática da negligência à identidade negra nas escolas, tendo em vista que esta é uma questão expressiva na vida de pessoas negras que frequentam/frequentaram o espaço escolar. A escrita e a urgência deste artigo residem no incômodo presente nas vivências da maioria das autoras, que tiveram de se encaixar em um modelo prévio de padrões estéticos normatizados, normalizados e institucionalizados.

Essa busca por uma identidade social/individual não é feita de forma passiva, pois a todo momento o indivíduo será bombardeado internamente e externamente à seus grupos para adotar determinada característica. Essa negociação será feita através de um contato ou diálogo constante com o grupo do qual é pertencente. Em uma sociedade como a brasileira onde processo de escravização é fundante das relações e alicerce para sua estrutura social e racial, manter certas características físicas pode significar um ato de resistência, sendo o cabelo crespo o principal demarcador desta resistência (GOMES, 2002; 2003).

O cabelo crespo/cacheado em nossa sociedade é visto como algo feio, sujo ou fora do comum - com exceção dos poucos meios onde há tal valorização estética. Na escola, já se pode notar uma imposição estética em relação às crianças negras que é camuflada com argumentos de manter a ordem, higiene e cuidados com o corpo (GOMES, 2002). Em seu artigo, "Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural", Nilma Lino Gomes retrata de maneira sucinta esse aspecto:

A escola impôs padrões de currículo, de conhecimento, de comportamento e também de estética. Para estar dentro da escola é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é retirada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas higienistas. (GOMES, 2002, p. 45)

Quando a família de uma criança negra mantém de alguma forma os cabelos da criança sem alisamento ou trançados, demonstra um fortalecimento identitário e político daquele grupo, além de um resgate ancestral feito com essa prática. É importante ressaltar que, quando se trata de um penteado como tranças em crianças negras, há uma grande variedade tanto na forma, como nos enfeites de diversas cores.

Metodologia

A metodologia foi baseada em revisão bibliográfica que trata do tema da identidade, principalmente quando voltado para os espaços institucionais e formais de ensino, como o ambiente das escolas. Ademais, utilizaremos também de análises de discursos e experiências pessoais das escritoras e das/os estudantes que estas tiveram contato durante suas trajetórias.

Resultados e Discussão

Para ensinar desde a infância a valorização do seu cabelo crespo/cacheado, a comunidade negra têm recorrido à literatura infantil. Para este efeito, um livro que trabalha acertadamente essa perspectiva é “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém. A narrativa deste conto infantil é feita através de uma ótica racial da garotinha negra, a Lelê que é a personagem principal. Lelê é uma criança negra que não gosta de seus cabelos cacheados, motivada por sua curiosidade ela busca saber porquê de seus cabelos serem assim. Nesta busca ela encontra um livro que trata de ancestralidade, após saber de sua origem, Lelê começa aceitar sua aparência.

Na trajetória identitária da personagem Lelê, notamos duas perspectivas: a) uma quebra do padrão branco, fazendo com que a situação de ódio ao corpo negro e conformidade ao se alisar o cabelo, seja quebrada; b) o não atendimento à indústria cosmética para utilização de produtos que controlam o cabelo crespo/cacheado. Também fica evidente o exercício da autonomia da personagem, articulação do empoderamento capilar como algo libertador, pois ao assumir seus cabelos naturais, Lelê mantém assim um contato especial com o seu corpo.

Em seu texto, “Alisando os nossos cabelos”, a escritora negra bell hooks, exatamente grafada em minúsculo por motivações políticas (2014) ressalta devidamente essa questão:

Em uma cultura de dominação e anti- intimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente, as mulheres negras e os homens negros, são corpos que frequentemente são



VI Encontro Regional dos Grupos PET do Centro-Oeste

4

desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de luta libertadora que libere a mente e o coração. (HOOKS, Geledés, 2014[19981] p. 08)

Ao se descobrir enquanto corpo negro na sociedade, Lelê percebe meninos e meninas com diferentes formas e cores de cabelo, cor de pele e traços físicos, no entanto, a garotinha já não se sentia mais sozinha. Agora, ela sabe o porquê de ter determinadas características, elevando assim sua auto-estima que é arrancada pelo racismo desde a tenra idade.

No caso da personagem de Valéria Belém, personagem aqui retratada, o retorno à ancestralidade e à historicidade, então, seria capaz de atuar na (re)constituição de uma identidade perdida porque foi negada nos espaços institucionais. Tal (re)constituição, porém, reside no campo do subjetivo, uma vez que somente o universo de Lelê é afetado: o racismo que a fazia renegar a forma de seus fios de cabelo é questionado somente em seu campo pessoal, afetivo e subjetivo. Certamente, essa afetação individual tem o seu valor à medida que cede à personagem uma resposta ao incômodo gerado pelo racismo institucional.

Porém, quando se trata do campo coletivo ou sob uma perspectiva macro, é preciso pensar em mecanismos que abalem esta estrutura racista institucional desde seu epicentro. Se faz necessário pensar em respostas que transcendam o espaço do indivíduo e que atinjam as necessidades de uma coletividade, gerando estratégias que deixem um legado corruptivo do sistema que naturaliza o racismo. Enquanto Programa de Educação Tutorial da Universidade de Brasília, composto multi e interdisciplinarmente, o PET Conexão de Saberes seria um dos possíveis mediadores nesta estratégia de rompimento definitivo do racismo enquanto ferramenta institucional excludente.

Conclusão

Assim sendo, no âmbito do PET enquanto um coletivo composto por indivíduos diversos que intermediam o espaço institucional acadêmico com a comunidade extra-acadêmica, é possível vislumbrar um debate concreto que agregue questões relevantes ao



VI Encontro Regional dos Grupos PET do Centro-Oeste

5

ensino regular. Através de atividades em espaços educativos, em contato com o corpo de alunos e de professores de escolas de ensino básico - fundamental e médio -, é possível criar um espaço de autonomia e autodeterminação em que os próprios educandos tomem as rédeas passíveis de combater o preterimento gerado por essa discriminação estética.

Pensando no caso apresentado de Lelê, podemos usar a estratégia desse retorno à ancestralidade para que os alunos criem ações afirmativas dentro do espaço da escola que valorizem não só o cabelo mas também - e principalmente - todo o caminho percorrido por pessoas negras enquanto coletivo. Ao trazer conceitos básicos para uma educação inclusiva e autônoma, os PETianos e as PETianas podem buscar gerar nos alunos a vontade de compreender o porquê do controle sobre seus cabelos, corpos e comportamentos.

Referências bibliográficas

BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelê**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2007.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: 2004.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. terceira edição revisada e ampliada. Brasília: Editora Garcia, 2016.



VI Encontro Regional dos Grupos PET do Centro-Oeste

6

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo In **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro é cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? In: **Revista Brasileira de Educação**. Set\ Out\ Nov\ Dez, n 21, pp 40- 168, 2002

HOOKS, Bell. Alisando os nossos cabelos. In: Citation: bell hooks “**Straightening Our Hair**” in **Talking Feminist, Thinking Black**” (New York: South End Press, 1998). Disponível em <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/> Acesso em 20 de março de 2019 às 10h.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.